



Desafios do ensino remoto no contexto da educação básica: percepções de familiares e professores

Rochelande Felipe Rodrigues¹

Eunice Andrade de Oliveira Menezes²

Francineide Amorim Costa Santos³

RESUMO

A pandemia de Covid-19 instaurou um cenário mundial de incertezas, afetando diversas atividades humanas, por exemplo, a educação. Diante disso, esta investigação qualitativa teve por objetivo analisar as percepções dos professores e dos responsáveis pelos estudantes em relação ao Ensino Remoto, na rede educacional de Brejo Santo - CE. A produção dos dados se deu por meio de uma pesquisa de opinião, cujas perguntas focalizaram o interesse dos professores e dos estudantes, na perspectiva dos responsáveis, quanto ao Ensino Remoto. A análise temática foi a técnica utilizada na interpretação dos dados. Estes revelaram que, na percepção dos professores, 49,3% dos estudantes conseguem acompanhar as aulas no contexto do Ensino Remoto. Quanto aos responsáveis pelos estudantes, a maioria considera que estes manifestam interesse em participar das aulas, apesar de relatarem vários condicionantes que implicam em dificuldades de adaptação. Sugerem-se novas investigações que contemplem a perspectiva dos estudantes sobre a temática em questão.

Palavras-chave: Contexto educacional. Pandemia de Covid-19. Ensino remoto. Responsáveis. Professores.

¹ felipemtm@gmail.com - Universidade Federal do Cariri

² eunice.menezes@ufca.edu.br - Universidade Federal do Cariri

³ francineide.amorim@ufca.edu.br - Universidade Federal do Cariri



Challenges of remote teaching in the context of basic education: perceptions of family and teachers

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has created a world scenario of uncertainties, affecting various human activities, for example, education. Therefore, this qualitative investigation aimed to analyze the perceptions of teachers and those responsible for students in relation to remote teaching, in the educational network of Brejo Santo - CE. The production of data took place through an opinion survey, whose questions focused on the interest of teachers and students from the perspective of those responsible regarding remote teaching. Thematic analysis was the technique used to interpret the data. These revealed that, in the teachers' perception, 49,3% of students can follow classes in the context of remote teaching. As for those responsible for the students, most consider that they are interested in participating in classes, despite reporting several conditions that imply difficulties in adapting. Further investigations are suggested that contemplate the students' perspective on the subject in question.

Keywords: Educational context. Covid-19 pandemic. Remote teaching. Parents. Teachers.

1 INTRODUÇÃO

No princípio do ano 2020, o mundo foi surpreendido pela pandemia de Covid-19, uma crise sanitária sem precedentes, que afetou e tem afetado diversas atividades essenciais, tais como educação, saúde, cultura, esporte, economia, política, turismo, dentre outras.

Estudos atuais (CARMO; TAVARES; CÂNDIDO, 2020; NASCIMENTO, *et al.*, 2020; REICH; BORGES; XAVIER, 2020) mostram que esse colapso global deixou ainda mais nítida a problemática da desigualdade social, algo que ratifica o desequilíbrio entre as condições objetivas de vida para sujeitos de classes socioeconômicas distintas. Em se tratando dos coletivos populares, a chamada classe trabalhadora, são inquestionáveis suas precárias condições socioeconômicas tendo em vista as necessidades existenciais, que são demandadas a partir da pandemia, o que tem concorrido para o aumento vertiginoso da extrema pobreza e do abandono social.

Concernente aos sistemas educacionais, a pandemia também expôs algumas de suas fragilidades, uma vez que, diante da necessidade de redução da proliferação do vírus, forçosamente as escolas e universidades tiveram de aderir ao Ensino Remoto, que evidenciou o despreparo dos atores educativos envolvidos na escola: gestores, estudantes, familiares e, principalmente, professores.

A necessidade de ressignificação das práticas pedagógicas, frente ao fenômeno discutido, urge, portanto, de políticas públicas e ações efetivas que forneçam aos professores os devidos apoios necessários ao aperfeiçoamento de seus saberes docentes.

Frente a essa conjuntura, o presente estudo se volta à análise e discussão dos impactos da pandemia de Covid-19 na educação escolar de milhares de crianças e jovens, em um contexto situacional específico: o município de Brejo Santo, localizado no extremo sul do Cariri cearense. A concretização deste artigo se deu por meio de uma pesquisa de opinião, sendo a abordagem predominantemente qualitativaⁱ.

Brejo Santo é um município cearense com população estimada de 50.195 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística–IBGE/ 2021ⁱⁱ. A cidade tem ganhado notoriedade nacional no tocante à Educação Básica, sendo reconhecida pelos seus esforços na reestruturação de uma escola pública que impacte positivamente nas aprendizagens e na formação social dos estudantes. (BIBIANO, 2015; CORTEZ, 2016).

A problemática da investigação partiu de reflexões que surgiram em uma instituição pública de Ensino Superior, a Universidade Federal do Cariri–UFCA, especificamente na unidade acadêmica do Instituto de Formação de Educadores–IFE, situada no município referido. Essas discussões se originaram em reuniões do conselho universitário, fomentadas por uma docente, que, na condição de mãe de dois estudantes dessa rede de ensino, propôs uma investigação no sentido de se captar as expectativas, os anseios e os desafios que os responsáveis por estudantes da Educação Básica vivenciam, assim como os professores desse nível educacional, no cenário atual do ensino. Frente a isso, a pesquisa foi desencadeada pelo seguinte problema: quais as percepções dos professores e dos responsáveis pelos estudantes da Educação Básica do município de Brejo Santo, Ceará, sobre o Ensino Remoto?

Partindo de tal problemática, a investigação foi conduzida por um grupo de três professores do Instituto de Formação de Educadores da Universidade Federal do Cariri, e teve como objetivo conhecer as percepções de professores e responsáveis pelos estudantes da rede municipal de Educação Básica de Brejo Santo, Ceará, sobre os desafios e as implicações do Ensino Remoto.

A pesquisa se justifica pela necessidade de se compreender como essa modalidade de ensino tem implicado no cotidiano dos professores, dos estudantes e de seus familiares, e, ainda, pelos proveitos que se podem obter, a partir dos dados, para que as políticas públicas e as redes de ensino possam planejar e viabilizar soluções para os processos de ensino e aprendizagem no pós-pandemia.

No Brasil, o Ensino Remoto Emergencial surge como uma solução provisória e estratégica, no contexto da pandemia de Covid-19, tendo em vista proporcionar aos estudantes da Educação Básica e do Ensino Superior a continuidade de seu processo formativo, nas circunstâncias possíveis. Contudo, embora essa modalidade tenha sido a alternativa plausível, durante a pandemia, é notório o quanto o Ensino Remoto comprometeu a equidade social, trazendo implicações desfavoráveis para a aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens, afetando sua qualidade de vida, assim como a dos professores.

Nesse cenário, diversas são as causas que comprometem o desempenho de estudantes e professores, como desconforto, insegurança, medo, desmotivação, dentre outras. Os principais motivos desse mal-estar se relacionam à fragilidade de conexão à rede internet, que ainda é precária no município de Brejo Santo (especialmente na zona rural), e ao poder insuficiente de aquisição de dispositivos de computação por famílias de baixa renda.

Nesse sentido, a pandemia de Covid-19 demanda um olhar investigativo e inclusivo sobre a educação de crianças e jovens, exigindo das políticas públicas investimentos para reduzir as perdas na formação desses sujeitos.

Por outro lado, entende-se que os professores, como nunca, estão sendo desafiados a redimensionarem o seu fazer docente e, por isso, merecem ser valorizados e beneficiados em suas condições laborais, dada a sua importância social, por meio da prática educativa.

2 ALGUNS ESTUDOS SOBRE O ENSINO REMOTO NO BRASIL

Com o intuito de conhecer a produção em pesquisa sobre o Ensino Remoto no contexto da pandemia de Covid-19, realizou-se uma busca no Portal de Periódicos da CAPES, onde foram encontradas abordagens que consideram o prejuízo à saúde mental dos estudantes devido ao isolamento social, como abordado no trabalho de Miliauskas e Faus (2020). Sobre os desafios inerentes ao processo educacional no contexto discutido, a pesquisa apontou as considerações dos trabalhos de Oliveira (2020), Garcia *et al.* (2021), Pedrosa e Dietz (2020) e Miarka e Maltempi (2020). A seguir, descreve-se, ainda que brevemente, cada uma dessas investigações.

Além do adoecimento emocional decorrente do isolamento, Miliauskas e Faus (2020) mencionam outros aspectos que podem colaborar para esse adoecimento, como dificuldades de acesso à internet, local inadequado para o estudo e sobrecarga de trabalho doméstico. As questões subjetivas, como motivação e interesse pelas atividades também foram apontadas.

Essas autoras propõem alguns investimentos que podem minimizar as desigualdades sociais no Ensino Remoto, por exemplo, capacitação de professores, reavaliação do calendário escolar, prorrogação de exames nacionais, mapeamento das condições de acesso às tecnologias digitais, dentre outros.

Por sua vez, Oliveira (2020) relata uma experiência vivenciada pela equipe de professores de uma escola de Ensino Integral que abrange da Educação Infantil às séries iniciais do Ensino Fundamental em João Pessoa, Paraíba. O objetivo dessa experiência foi difundir as ações, as estratégias pedagógicas, os recursos utilizados, bem como a participação das famílias e os desafios enfrentados no ano letivo de 2020, diante da pandemia de Covid-19.

Oliveira (2020) conclui que as adaptações feitas pela escola corroboraram para manter e efetivar as atividades didático-pedagógicas, e que essa organização incluiu o engajamento da equipe pedagógica para obter novos conhecimentos relacionados à tecnologia, iniciativas que contribuíram para garantir às crianças e aos adolescentes o direito à educação.

No trabalho de Garcia *et al.* (2021) é feita uma análise sobre a Educação em Ciências, quanto às suas implicações na situação pandêmica. A conclusão é de que, mesmo diante de toda a tensão que se colocou para estudantes, professores e pesquisadores, a pandemia continua operando mudanças e antecipando novos cenários, como as atividades virtuais, fazendo refletir sobre possibilidades de repensar o isolamento. Isso quer dizer que não se deve esperar um mundo pós-pandêmico, e sim que todas as implicações que o contexto exigiu precisam ser encaradas com os seus limites e suas impossibilidades, cabendo aos educadores e pesquisadores extrair atividades profícuas que também emergem dessa situação.

Na pesquisa de Pedrosa e Dietz (2020), os autores descrevem as concepções sobre a adoção do Ensino Remoto no contexto da pandemia de Covid-19 dos responsáveis por estudantes regularmente matriculados na Educação Básica. Os resultados evidenciam a necessidade de um consenso entre a população, os profissionais da educação e os governantes acerca das implicações da pandemia e do Ensino à distância na vida dos estudantes, dos familiares e dos profissionais da educação. Nesse sentido, os referidos autores defendem a importância de que os professores sejam devidamente capacitados para que possam contribuir melhor no processo de Ensino Remoto. Igualmente alertam para a observância dos direitos fundamentais da criança e do adolescente, sobretudo, da saúde, tanto física quanto mental, para que, assim, seja possível a continuidade de seu processo de aprendizagem.

Partindo dos desdobramentos econômicos, políticos, sociais e educacionais da pandemia de Covid-19, Miarka e Maltempi (2020) debatem o quanto essa crise tem afetado os sistemas educacionais, principalmente, pelo fato de os profissionais da educação e os estudantes não estarem preparados para a transição entre o ensino presencial e o remoto. Os autores discutem também os efeitos da pandemia na vida de estudantes e professores, afirmando que estes se viram pressionados para a produção de atividades remotas, sem dispositivos ou formação apropriados. Da mesma forma, chamam atenção para as condições de acompanhamento dos estudantes, quando muitas pessoas vivem dilemas, além da pandemia, como cuidar de doentes, desemprego, sobrecarga de trabalho etc.

Em suas considerações, Miarka e Maltempi (2020) seguem uma linha bastante reflexiva e problematizadora, visto que encerram o texto questionando os desafios que serão impostos à educação após a pandemia.

Como se pode ver, as cinco investigações descritas apresentam, de uma forma ou de outra, aproximações ao problema da pesquisa que ora se apresenta, ou seja, percepções de professores e mães/pais/responsáveis por alunos da Educação Básica acerca do Ensino Remoto. Na seção subsequente, apresenta-se a metodologia da pesquisa em questão.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

Esta investigação tem predominância na abordagem qualitativa, sendo um estudo do tipo exploratório. Foi encaminhada por meio de uma pesquisa de opinião, que teve como amostra 73 professores e 201 responsáveis por estudantes da rede de Educação Básica do município de Brejo Santo, no Cariri cearense.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um questionário semiestruturado, enviado por meio do Google Forms, com questões elaboradas para cada público específico, pois, muito embora as perguntas tenham contemplado o mesmo fenômeno, a pesquisa se voltou a sujeitos educativos com atribuições e funções sociais diferenciadas.

O questionário foi, então, o instrumento que mediou a pesquisa de opinião, e abrangeu perguntas objetivas e abertas, com vistas a conhecer, na perspectiva dos professores e dos responsáveis pelos estudantes, qual o grau de interesse destes sujeitos durante as aulas remotas, bem como as principais dificuldades enfrentadas por eles nessa modalidade de ensino.

Para que a pesquisa de opinião chegasse aos professores e aos responsáveis, contou-se com o apoio do coordenador da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 20 e da secretária de educação do município de Brejo Santo. Esses gestores forneceram os contatos dos diretores das escolas que, por sua vez, entraram em contato com os coordenadores pedagógicos e, em alguns casos, contataram diretamente os professores em cada unidade de ensino.

O convite para colaborar com a pesquisa foi feito por meio do WhatsApp e enviado aos diretores e coordenadores de cada escola, para que estes fizessem chegar essa solicitação aos professores e aos responsáveis pelos estudantes. Quando se obteve anuência para participação na pesquisa, pelos sujeitos, enviou-se a estes o *link* do questionário.

Conforme Gil (2002) pesquisas do tipo exploratório, como a que se apresenta, têm o objetivo principal de aprimorar ou desenvolver ideias com fim de fornecer hipóteses que sejam possíveis de serem verificadas em estudos posteriores. Por outro lado, uma pesquisa exploratória tem em vista também proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, para torná-lo mais explícito.

De acordo com Kataoka e Hernandez (2010), na pesquisa de opinião, os colaboradores fornecem dados atinentes a uma opinião sobre determinada questão central, podendo se tratar de gostos, preferências e fatos observáveis.

Por sua vez, Villaça (2017) explica que a pesquisa de opinião voltada à realidade educacional é uma estratégia pedagógica ainda pouco utilizada no meio acadêmico. Contudo,

trata-se de uma possibilidade metodológica que contribui para desvelar problemas e situações de ordem social, que devem ser submetidos à análise e investimentos das políticas públicas.

Importa destacar que, de acordo com a Resolução 510, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016), a pesquisa de opinião envolve uma consulta pública, verbal ou escrita, de cunho pontual, por meio da qual os participantes são convidados a expressarem preferências, avaliação ou sentidos atribuídos a temas, desempenho de pessoas e organizações, bem como a produtos e serviços, de maneira que seja preservada a identificação dos participantes. Nesse caso, no Brasil, conforme o Art. 1, Parágrafo único dessa Resolução, pesquisas de opinião pública não serão registradas nem avaliadas pelos Conselhos de Ética em Pesquisa (CEP) e pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), desde que os participantes não sejam identificados.

No tocante à análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, especificamente a análise temática (BARDIN, 2016). Optou-se por essa técnica pelo fato de ela ser rápida e eficaz quando se trata de discursos diretos, ou seja, aqueles que trazem significações manifestas. Porém, na análise temática empreendida, buscaram-se também as significações dos sujeitos ao focalizar os aspectos semânticos latentes nos dados, por isso as inferências foram bastante utilizadas.

A análise temática envolve a contagem de um ou vários temas ou itens de significação, em unidades de contexto, isto é, um parágrafo, uma frase, que lance luz sobre o problema investigado. Também inclui a organização das unidades de codificação, em outras palavras, a transformação dos dados brutos em temas, que, por sua vez, resultam em categorização.

Realizaram-se as três etapas comuns a toda análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, assim como sua interpretação. Na pré-análise, que é a organização propriamente dita do material, buscou-se o entendimento inicial das ideias contidas nas mensagens, momento em que se realizou o que Bardin (2016) denomina "leitura flutuante", ou seja, uma leitura que envolve o empreendimento semiológico no texto analisado, permitindo ao pesquisador realizar intuições, e que estas possam ajudar na formulação de hipóteses. Nesse momento da análise, seguiram-se as orientações dessa autora sobre a necessidade de atentar para as impressões e possíveis direções a serem seguidas nas demais etapas da análise.

Essa primeira fase envolveu, além disso, a definição da amostra dos dados e regras de homogeneidade, isto é, os critérios precisos de escolha da representatividade (por exemplo, considerar em cada conteúdo as respostas às mesmas perguntas) e a referenciação dos índices. O índice indica a referência explícita a um tema em uma mensagem, partindo do princípio de que este tema possui mais importância na mesma proporção em que ele é repetido. O índice de importância do tema para a análise temática é, então, a sua frequência.

Já na fase da exploração seguiu-se com o tratamento dos dados, etapa esta que envolveu a transformação dos dados brutos do texto por meio da codificação. Nessa etapa, contou-se com o apoio do software Atlas, em sua versão 9. Destaca-se, entretanto, que em tal etapa aplicaram-se também manualmente algumas operações, como transpor as respostas do Google Forms para um editor de texto, destacar temas semelhantes, agrupar ideias afins em tabelas e organizar a codificação em subcodificações.

No tocante à última fase da análise – o tratamento dos resultados e sua interpretação –, organizou-se o sistema categorial, isto é, os resultados brutos foram tratados até se encontrarem seus significados. Nesse momento, fez-se a correspondência entre o nível empírico e o teórico ao se conferir nos indicadores da frequência temática ideias centrais nas mensagens, que foram desveladas a partir de inferências e interpretações, guiadas também pelo referencial teórico. Esse movimento culminou em definição de categorias de análises, que serão elucidadas nas duas seções que se seguem, dedicadas à análise e discussão dos resultados.

4 DESAFIOS DO ENSINO REMOTO PARA OS ESTUDANTES A PARTIR DAS COMPREENSÕES DOS PROFESSORES

Para fins de contextualização, apresenta-se, primeiramente, uma caracterização básica dos 73 professores pesquisados, em específico quanto à sua formação e quanto à organização administrativa das escolas nas quais atuam (Tabela 1).

Tabela 1 - Formação inicial dos professores

Área de formação inicial–Percentual	Percentual
Letras/Português	23,3% (17)
Pedagogia	21,9% (16)
Matemática	9,6% (7)
Geografia	8,2% (6)
Educação Física	8,2% (6)
Licenciatura Interdisciplinar em Ciências e Matemática	6,8% (5)
História	5,5% (4)
Ciências Biológicas	5,5% (4)
Física	4,1% (3)
Química	2,7% (2)
História e Geografia	1,4% (1)
Letras/Inglês	1,4% (1)
Sociologia	1,4% (1)

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados da pesquisa (2021).

Na diversidade de formação desse grupo, 60,3% (44) concluíram também uma pós-graduação, sendo, deste percentual 12,3% na modalidade *stricto sensu* e 45,2% na modalidade *lato sensu*. Relativo à modalidade *stricto sensu*, 8,2% cursaram mestrado e 4,1% doutorado. Além disso, 9,6% (7) professores se encontram com uma pós-graduação *lato sensu* em andamento e 2,7% (2) estão cursando o mestrado. Os demais professores, ou seja, 27,4% (20) são graduados em uma licenciatura, conforme consta no Quadro 1.

No que se refere à organização administrativa na qual os professores atuam, 89,0% (65) lecionam em escolas de rede pública; 4,1% (3) em escolas de rede privada; e, ainda, 6,8% (5) lecionam em escolas de ambas as esferas administrativas. Quanto à localização das escolas, 76,7% (56) dos professores trabalham em instituições escolares que estão sediadas na zona

urbana; 16,4% (12) em escolas da zona rural. Além disso, 6,8% (5) desses docentes lecionam em escolas de ambos os espaços geográficos.

Feita a devida caracterização dos professores, passam-se a discutir os dados oriundos de duas perguntas que compuseram a pesquisa de opinião: (I) Qual o grau de interesse dos estudantes diante das aulas on-line? (II) Quais as principais dificuldades dos estudantes que podem ser percebidas durante o Ensino Remoto?

A primeira pergunta foi organizada de forma objetiva, tendo como opções: "sim"; "com frequência"; "apenas ocasionalmente"; "não" e, ainda, a opção "outro", com abertura para resposta aberta.

Em resposta à pergunta objetiva, apenas 6,8% (5) dos docentes afirmaram, absolutamente, que os estudantes não demonstram uma postura que indique interesse durante as aulas em modo remoto; 35,6% (26) consideraram que esse empenho só pode ser constatado ocasionalmente. Por outro lado, 49,3% (36) avaliaram que os estudantes, frequentemente, mostram-se interessados nas aulas. Entende-se que a perspectiva desses docentes pode estar contornada pela alteridade, frente a um momento tão crítico que o mundo vivencia. Nisso deve estar envolvido o componente da afetividade, discutido também por Sousa *et al.* (2021), o qual assume papel essencial nos processos ensino e aprendizagem, uma vez que estes não se constituem apenas da dimensão cognitiva, mas, principalmente, agregam aspectos socioafetivos. Conforme tais autores:

Apesar de não ser o único agente, o professor em sala de aula é o principal mediador entre o aluno e o conteúdo escolar e, portanto, considerar que a afetividade permeia e constitui as práticas pedagógicas é também reconhecer que o professor deve estar atento aos impactos afetivos dessa mediação, que pode tanto aproximar o aluno do conteúdo – relação afetiva positiva – quanto afastá-lo – relação afetiva negativa (SOUSA, *et al.*, 2021, p. 4).

Além dessas considerações, 6,8% (5) dos professores consideraram que a forma como os estudantes reagem às aulas em formato remoto é algo muito variável e, por vezes, ligado a algumas estratégias dos professores, ou seja, exibição de vídeos e explicação das atividades a serem resolvidas. Ainda 1,4% (1) dos professores disse não haver resposta precisa para essa questão.

Para melhor entender as impressões desses docentes acerca da postura dos estudantes frente ao Ensino Remoto, solicitaram-se desses sujeitos que eles comentassem sua resposta anterior. A análise temática que se realizou sobre o conteúdo dessas respostas evidenciou a opinião dos professores, podendo-se conferir essas considerações na Tabela 2.

Por meio da análise temática, foi possível constatar que a frequência de temas que resultou na categoria interessados (20,5%) é incompatível com o que os professores afirmaram em resposta à pergunta objetiva sobre o percentual de estudantes que costumemente se mostram motivados durante as aulas em formato virtual (49,3%). Da mesma forma, a frequência temática que definiu a categoria desinteressados (19,2%) destoava do que alguns docentes disseram sobre o não engajamento dos estudantes durante o ensino on-line, uma vez que apenas 6,8% (relativo à primeira pergunta objetiva) afirmaram que os discentes se mostram desinteressados nessa modalidade de ensino.

Tabela 2 - Grau de interesse dos estudantes quanto ao Ensino Remoto, na opinião dos professores

Categoria	Codificação	Frequência
Interessados	Devolução de atividades propostas Participação ativa Perseverança diante das dificuldades Atividades em pares motivam	20,5% (15)
Desinteressados	Desmotivação Insatisfação Acomodação	19,2% (14)
Impossibilitados	Falta de acesso à internet Instabilidade da rede internet Falta ou insuficiência de dispositivos computacionais	17,8% (13)
Em adaptação	Reorganização da rotina Incômodo Resistência Aprendizagem do uso das tecnologias	9,6% (7)
Baixa interação	Ausência de perguntas e debates na aula Falta de resolução das atividades	9,6% (7)
Nostalgia da escola	Saudade dos colegas e dos professores Falta do ambiente escolar Falta das aulas presenciais	5,5% (4)

Fonte: Elaborado pelos autores com base na análise temática empreendida (2021).

A esse propósito, Miliauskas e Faus (2020) trazem argumentos que justificam determinadas atitudes dos estudantes no contexto do Ensino Remoto:

Nas possibilidades de atuação relacionadas à educação, tanto professores quanto estudantes foram forçados a se adaptar ao formato virtual. Por isso, é preciso estar atento às possibilidades individuais de cada adolescente, assim como de cada núcleo familiar. Além de aspectos objetivos, acesso a computador e internet, local adequado para o estudo e sobrecarga doméstica, destacam-se as questões subjetivas, como motivação e interesse pelas atividades, que podem dificultar o aprendizado ou favorecer o adoecimento mental (MILIAUSKAS; FAUS, 2020, p. 8).

De fato, implicações contextuais, como as apontadas pelas autoras, não podem deixar de ser consideradas quando se analisa um fenômeno sobre o prisma de uma pesquisa de abordagem qualitativa, como é esta, uma vez que esse tipo de pesquisa requer a interpretação dos contextos específicos em que o fenômeno investigado se desenvolve. Assim, é importante lembrar que esses condicionantes interferem diretamente na realidade objetiva das crianças e dos adolescentes, ainda tão dependentes de iniciativas do Estado e da família em seu direito à educação.

Esclarece-se ainda que 6,8% (5) fugiram ao tema da pergunta e 5,5% (4) apresentaram respostas imprecisas que impossibilitaram sua categorização. Além disso, 5,5% (4) dos respondentes trouxeram temas não frequentes, que apareceram apenas uma ou duas vezes.

Nesse sentido, para melhor compreender as condições em que o Ensino Remoto tem acontecido na rede de educação já especificada, perguntaram-se aos professores quais as

principais dificuldades dos estudantes que podem ser percebidas durante as aulas remotas. Essa pergunta solicitava uma resposta aberta. Por meio da Tabela 3, sintetizam-se as percepções dos professores. Sendo assim, as respostas destacadas correspondem a mais de uma categoria.

Tabela 3 - Dificuldades dos Estudantes Quanto ao Ensino Remoto

Categoria	Codificação	Frequência
Instabilidade da internet	Problemas com a conexão da rede internet Internet de baixa qualidade	32,9% (24)
Deficiência no acompanhamento familiar	Pouca colaboração da família Falta de tempo da família Falta de incentivo da família	24,7% (18)
Desinteresse	Pouco interesse pelo conteúdo <i>online</i> Atividades copiadas da internet	19,2% (14)
Interações empobrecidas	Falta da presença física do professor Aulas gravadas Participação mínima	16,4% (12)
Desorganização para com os estudos	Não cumprimento das atividades escolares Baixa autonomia nos estudos Indisciplina	15,1% (11)
Acesso precário às ferramentas tecnológicas	Ausência de computador ou dispositivos móveis Aparelho celular com baixa memória Apenas uma ferramenta tecnológica por família Despreparo da família para auxiliar no uso das ferramentas	12,3% (9)
Adaptação ao Ensino Remoto	Adequação dos estudantes ao Ensino Remoto Adaptação das aulas à realidade das famílias	4,1% (3)

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na análise temática empreendida (2021).

Além dessas considerações, houve também outras respostas que enfocaram dificuldades dos estudantes, como lidar com a tecnologia, timidez e baixa concentração durante as aulas – interpretações essas referidas por 6,8% (5). Pela baixa frequência dessas menções, não foram geradas categorias específicas.

Esses dados ilustram também a realidade trazida pelos professores, quando, em resposta à pesquisa de opinião, trazem como principal dificuldade a frágil ou inexistente conectividade dos estudantes por meio da internet.

Devido à natureza qualitativa e contextual da pesquisa exploratória, Gil (2002) alerta que investigações desse tipo necessitam explicitar, da melhor forma, o problema investigado. Nesse sentido, tendo em vista alcançar mais entendimento sobre as implicações do Ensino Remoto na realidade educacional de Brejo Santo, apresentam-se, a seguir, as considerações dos responsáveis pelos estudantes.

5 REPERCUSSÕES DO ENSINO REMOTO PARA OS ESTUDANTES NA PERSPECTIVA DOS RESPONSÁVEIS

Com o intuito de traçar o perfil básico dos responsáveis pelos estudantes, apresenta-se, antes da discussão dos dados, algumas informações desses sujeitos, como o nível de instrução, a ocupação profissional, a quantidade de estudantes que estão sob sua responsabilidade, a etapa escolar que esses estudantes cursam, a rede de ensino que frequentam e o espaço geográfico onde se localizam as instituições escolares.

As informações sobre o nível de instrução dos responsáveis indicam que apenas 13,9 % (28) têm formação superior; 34,3% (69) têm Ensino Médio completo; 21,4 % (43) possuem o Ensino Fundamental completo; e 30,3% (61) não concluíram esta etapa escolar.

No tocante às ocupações de trabalho, as que apresentaram maior percentual foram: dona de casa, relativo a 18,9% (38); agricultor, que corresponde a 15,9% (32); professor, que implica em 8,4% (17); e profissional que atua em serviços gerais, relativo a 5,5% (11). Além dessas profissões, várias outras foram citadas pelo menos uma vez: auxiliar administrativo, gerente de loja, vendedor, porteiro, psicólogo, assistente social, médico, agente comunitário, artesã, dentre outras.

Em relação à quantidade de filhos/menores, um percentual de 44,8% (90) respondeu ser responsável por apenas uma criança ou adolescente; 37,3% (75) por duas/dois; 12,9% (26) por três. Os demais: 4,9% (10) afirmaram ser responsáveis por quatro ou mais crianças ou adolescentes. Quanto à organização familiar, os respondentes afirmaram que 88,1% (177) dos estudantes moram com os pais; 6,5% (13) com a mãe; e 4,9% (10) vivem com outros parentes.

Em se tratando da etapa escolar, conforme os responsáveis, a maioria dos estudantes 93% (187) está matriculada no Ensino Fundamental; 19,9% (40) na Educação Infantil; e apenas 5,9% no Ensino Médio (12). As porcentagens ultrapassam 100% pelo fato de que os responsáveis afirmaram ter filhos em etapas/segmentos educacionais diferentes.

Concernente à rede educacional, os respondentes afirmaram que 87,6% (176) das crianças ou dos adolescentes estudam na rede pública de ensino (municipal ou estadual) e somente 12,4% (25) estão matriculados em escolas da iniciativa privada.

Apenas uma pequena parcela desses estudantes, ou seja, 19,4% (39) frequenta escolas localizadas em áreas rurais. Por sua vez, a maioria, 80,6% (162) estuda em instituições localizadas na zona urbana do município de Brejo Santo.

Após essas questões que se voltaram à caracterização dos pais/responsáveis e ao caráter estrutural no qual tem-se desenvolvido as aulas, encaminha-se, agora, a discussão dos dados de duas das perguntas que compuseram a pesquisa de opinião, da mesma forma como se procedeu com os professores. Essas perguntas intentaram conhecer como os responsáveis avaliam o nível de interesse dos estudantes em participar dessas aulas e quais as dificuldades encontradas por tais sujeitos no desenvolvimento das aulas remotas.

Relativo à primeira pergunta, 75,1% (151) responderam que a criança ou o adolescente frequentemente tem manifestado interesse em participar das aulas na modalidade remota; 16,9% (34) afirmaram que isso ocorre apenas ocasionalmente; e 8% (16) afirmaram que durante as aulas em modo virtual esses sujeitos não têm se mostrado motivados.

Esses resultados divergem, em termos quantitativos, da afirmação dos professores sobre o interesse dos estudantes quanto às aulas remotas, pois apenas 47,9 % (35) dos docentes afirmaram observar interesse por parte dos estudantes nas aulas, sendo os demais considerados desinteressados ou apresentando interesse eventual.

Contudo, os dados revelaram que os professores, em suas percepções, atribuem o interesse dos estudantes, em maior parte, a ações como devolução das atividades e participação ativa nas aulas. Da mesma forma, para os pais o interesse também é demonstrado por ações, como realização das atividades propostas e presença nas aulas.

Em se tratando dos motivos para a falta de interesse dos estudantes, no tocante à modalidade de ensino discutida, os responsáveis relataram, em maior frequência, dificuldades das crianças ou adolescentes para aprender remotamente, o que corresponde a 31,8% (64) e a falta da presença física do professor, que indica 35,8% (72). Os resultados não perfazem 100% pelo fato de que os demais pais/responsáveis fugiram ao tema da pergunta ou responderam de maneira imprecisa.

Importa destacar que no mesmo aspecto os professores atribuem os motivos de desinteresse dos estudantes em relação às aulas virtuais à desmotivação, insatisfação ou acomodação, totalizando uma frequência de 19,2% (14), somada essas três reações.

Nessa direção, Pedrosa e Dietz (2020) chamam atenção para a necessidade de que familiares, professores e governantes dialoguem no sentido de analisar todos os fatores implicados no Ensino Remoto, fatores esses que, entende-se, podem ser determinantes pelas reações dos estudantes apontadas pelos professores.

Para melhor interpretar a reação dos estudantes, cujos responsáveis consideraram que são instáveis em seu engajamento nas aulas remotas, bem como para compreender o que concorre para que outros responsáveis, relativos a 8% (16), tenham afirmado que as crianças ou adolescentes frequentemente têm se mostrado desinteressados em estudar virtualmente, solicitou-se que os respondentes comentassem suas percepções acerca de tais reações dos estudantes.

Percebeu-se, no entanto, que, mesmo dentre os responsáveis que afirmaram observar interesse dos estudantes quanto ao Ensino Remoto, 16,9% (34) relataram uma “aparente” insatisfação, traduzida em queixas ao comentar suas percepções. Como exemplos, tem-se algumas manifestações desses sujeitos, como: dificuldade dos estudantes de acessar as aulas por meio do celular; ansiedade; ensino insuficiente; pouco acompanhamento aos estudantes da parte dos professores; aulas on-line extensas, chegando a fatigá-los.

Ressalta-se que 69,6% (140) dos responsáveis afirmaram que as aulas no Ensino Remoto ocorrem por meio de plataformas virtuais – Google Meet, Zoom ou outros – e 29,8% (60) por meio de aulas gravadas e postadas em ambientes, como o YouTube e WhatsApp. Segundo esses sujeitos, a ferramenta tecnológica mais utilizada pelos estudantes é o *smartphone*, representando 85,1% (171).

De acordo com Garcia *et al.* (2021), a pandemia acelerou mudanças no cenário educacional, forçando as redes de ensino a planejar e efetivar medidas, não apenas quanto aos recursos tecnológicos, mas também quanto à capacidade de articulação entre família e escola. Dentre as medidas que foram tomadas em Brejo Santo, pelo que se confirma nas considerações dos

responsáveis, pode-se então ratificar a premissa de Garcia *et al.* (2021, p. 7), de que “durante a pandemia o que estagnou foi o ensino presencial e não a escola.”

A outra pergunta da pesquisa de opinião dirigida aos responsáveis pelos estudantes foi elaborada de forma a captar as principais dificuldades que eles percebiam nos estudantes quando acompanhavam as aulas no modo remoto. Com exceção das respostas consideradas imprecisas, que foram 25 (12,4%), estão apresentados na Tabela 4 os temas mais frequentes, que emergiram dessas respostas.

Tabela 4 - Principais dificuldades dos estudantes no Ensino Remoto, atribuídas pelos responsáveis

Categoria	Codificação	Frequência
Dificuldade no processo de ensino e aprendizagem no sistema remoto	Dificuldade de compreensão dos conteúdos (50) Dificuldade de concentração/distração (14)	64 (31,8%)
Inadequação do sistema remoto de ensino	Falta de interesse (9) Adaptação à nova rotina de estudos (10) Falta de capacitação e assistência dos professores para o Ensino Remoto (16) Falta da presença física do professor/falta de interação (16)	51 (25,4%)
Dificuldade na supervisão das atividades pelos pais	Dificuldade para explicar as atividades aos filhos (5) Falta de tempo dos pais no acompanhamento dos estudantes (15) Falta de compreensão dos pais em relação aos conteúdos (13)	33 (16,4%)
Fragilidade no acesso à comunicação remota	Conexão lenta (20) Dispositivos insuficientes (1) Problemas na configuração do dispositivo (7)	28 (13,9%)

Fonte: Elaborada pelos autores, com base na análise temática empreendida (2021).

Percebe-se, de acordo com os dados constantes no Quadro 4, que os temas mais frequentes levantados pela análise temática estão mais relacionados ao processo de Ensino Remoto do que às fragilidades no acesso à comunicação, sendo esta última associada, principalmente, à conexão da internet do que à configuração dos dispositivos. No entanto, vale lembrar que, conforme os responsáveis, mais de 85% dos estudantes acessam as aulas via *smartphone*, o que, embora possibilite o acesso, não garante facilidade e conforto para assisti-las, bem como para interagir durante as aulas, fato esse não problematizado por esses sujeitos.

Pelo que se pode ver, a maior fragilidade quanto ao acesso à comunicação no Ensino Remoto (13,9%) foi relacionada à velocidade no envio dos dados, no caso à conexão lenta, seguida pelos dispositivos insuficientes e pela sua configuração. Ao se observar que a maior frequência temática, relativa a essa categoria, foi o acesso à comunicação, vê-se que a falta de

infraestrutura adequada pode influenciar diretamente no processo de ensino, ocasionando um possível descompasso na comunicação entre professores e estudantes.

Porém, nota-se certa divergência na opinião dos professores e dos responsáveis, uma vez que, enquanto 45,2% dos docentes atribuem as dificuldades dos estudantes quanto ao Ensino Remoto à Instabilidade da internet e à precariedade das ferramentas tecnológicas (Quadro 3), apenas 13,9% dos responsáveis consideram o mesmo (Quadro 4).

Essas fragilidades no acesso à comunicação podem levar os estudantes a dificuldades na compreensão dos conteúdos, como também na concentração, ambos problemas relatados pelos responsáveis em um percentual bastante expressivo (31,8%). Essas dificuldades podem levar a problemas de compreensão conceituais e/ou agravar dificuldades que já ocorriam no modo presencial de ensino, acrescentando novos desafios no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Lima *et al.* (2021), a pandemia de Covid-19 gerou problemas no processo de ensino, ocasionado por improvisações no processo educacional, provocando impactos ainda não identificados e consequências desconhecidas, havendo a necessidade do desenvolvimento de pesquisas para compreender essa nova realidade, tendo em vista os poucos dados disponíveis.

Enquanto essas dificuldades que se refletem na aprendizagem – compreensão e concentração – representaram o percentual mais expressivo na ótica dos pais, para os professores, as categorias que remetem a essa temática de compreensão – denominadas como desinteresse e desorganização – somam 34,3%. Essa mesma preocupação por parte dos responsáveis pode ser vista no trabalho de Gomes (2021, p. 14) ao afirmar que “o cerne da preocupação dos pais recaiu no aproveitamento de seus filhos”; houve receio sobre a qualidade da aprendizagem, das aulas e dos materiais didáticos, pois não conseguiam despertar o interesse dos estudantes.

Conforme afirmam 24,9% (50) dos responsáveis, as fragilidades apresentadas no acesso à comunicação geram nos estudantes inadequações do sistema remoto de ensino, o que pode ocasionar a falta de interesse das crianças e adolescentes de dar prosseguimento aos estudos. As inadequações, segundo os responsáveis, estão ligadas ao processo de adaptação pelos estudantes e pela própria família à nova rotina de estudos, a uma falta de preparo adequado por parte dos professores e à falta da presença do professor, fisicamente.

Nesse sentido, Penteado e Costa (2021) discutem pesquisas que evidenciam aspectos deficitários da formação docente e que reverberam em sua prática profissional, sobretudo no enfrentamento da problemática ora discutida – o Ensino Remoto. Tais autores (PENTEADO; COSTA, 2021) trazem o *reclame* de iniciativas de formação de professores que incluam incrementos, tais como, desenvolvimento da expressividade verbal e não verbal do professor, uso da linguagem audiovisual, integração e sincronização desta com a linguagem verbal e gestual, o devido preparo para a produção de videoaulas etc.

Assim, as principais dificuldades expostas pelos pais destacam a falta de infraestrutura na oferta de dados de internet, a carência de instrumentos de comunicação adequados e a falta de preparo dos professores para atuar no sistema de Ensino Remoto. Além dessas dificuldades, esses sujeitos apontaram uma fragilidade no acompanhamento escolar das crianças e dos adolescentes, revelando uma maior dependência à supervisão do professor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação teve por objetivo analisar as percepções dos professores e dos responsáveis por estudantes da Educação Básica em relação ao Ensino Remoto na rede educacional de Brejo Santo, Ceará. Conduzida por uma pesquisa de opinião, teve como amostragem 73 professores de Educação Básica e 201 responsáveis por estudantes desse nível de ensino.

Muito embora a análise temática tenha evidenciado alguns posicionamentos diferentes dos dois públicos que contribuíram com a pesquisa, determinados temas foram destacados, igualmente, por esses sujeitos. A exemplo disso, responsáveis e professores constataram que os estudantes têm demonstrado interesse de participar das aulas, mesmo na tão desafiante modalidade de Ensino Remoto.

Em se tratando da análise temática que resultou na categoria desinteressados, foi possível perceber contrastes, não apenas quanto aos aspectos quantitativos trazidos nas considerações desses dois públicos – professores e pais/responsáveis –, mas, também, qualitativamente. A esse propósito, alguns professores atribuíram a baixa participação dos estudantes, nessa modalidade de ensino, à desmotivação, insatisfação e desinteresse. Porém, visto pela ótica de determinados responsáveis, o que tem desencadeado esse aparente desinteresse nos estudantes é a dificuldade para aprender remotamente.

A propósito disso, pode-se ver que professores e responsáveis se queixam do empobrecimento das interações sociais, anteriormente possibilitadas pelo cotidiano escolar, dados estes que deixam evidentes as consequências negativas do Ensino Remoto em diversas dimensões próprias do fenômeno educativo, por exemplo, sociais, políticas, afetivas e estéticas.

O precário acesso à internet e a quantidade insuficiente de dispositivos computacionais foi algo que surgiu claramente nos dados da pesquisa, em ambos os públicos que participaram da pesquisa de opinião. Contudo, não apenas a conexão à rede de internet e a possibilidade de aquisição de dispositivos móveis seriam a solução para as problemáticas apontadas, pois outra fragilidade foi destacada pelos sujeitos: o despreparo quanto ao uso das ferramentas tecnológicas.

Desfechado por um fenômeno pandêmico, o Ensino Remoto trouxe mudanças drásticas, que comprometeram incisivamente a rotina dos estudantes e seus familiares. A casa se transformou em escola; as crianças e os adolescentes, insulados, tornaram-se ansiosos frente a um futuro que parece instável e ainda amedrontador, muito embora o controle gradativo da pandemia. Por outro lado, os professores também se sentem sozinhos, muito cobrados e bastante cansados diante da rotina vertiginosa que lhes chegou abruptamente.

Em relação aos pais, o sentimento de impotência por não se perceberem preparados para acompanhar a educação escolar dos filhos, assoma-se ao temor dos prejuízos na formação básica destes.

Entretanto, depreende-se o reconhecimento dos responsáveis quanto aos esforços das redes de ensino para levar adiante o processo de escolarização das crianças e dos adolescentes, haja vista que eles destacaram diversos investimentos que os professores têm feito para que a escola chegue a esses estudantes, mesmo no sistema remoto.

Diante disso, acredita-se que as compreensões que emanaram dos dados fornecem condições interpretativas que podem orientar ações estratégicas do Poder Público, tendo em

vista o suprimento das necessidades reivindicadas pelos atores sociais que contribuíram com a investigação. Pode-se citar, por exemplo, a criação de programas e ações que viabilizem a democratização do acesso à internet, sobretudo, para as classes sociais de menor poder aquisitivo, bem como fornecer estratégias de formação que promovam a inclusão digital dos pais/mães/responsáveis e, de maneira especial, investir efetivamente para melhorar as condições objetivas de trabalho dos professores, que têm disposto de recursos financeiros próprios para dar prosseguimento ao trabalho docente no contexto discutido. Se declaradamente a falta de internet de qualidade, a impossibilidade de aquisição de recursos computacionais para os estudantes e o despreparo para operar com as tecnologias foram questões demandadas pelos sujeitos da pesquisa, cabe proporcionar condições sociais justas, em especial, aos mais necessitados, garantindo-lhes a essencialidade de seus direitos de existência, ou seja, a dignidade e o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BIBIANO, B. **Brejo Santo, no Ceará, é exemplo de cidade educadora**. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/brejo-santo-no-ceara-e-exemplo-de-cidade-educadora/>. Acesso em: 17 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis em pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 mai. 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

CARMO, R. M.; TAVARES, I.; CÂNDIDO, A. F. (org.) **Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro**. Lisboa: Observatório das Desigualdades, 2020. Disponível em: <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads/2020/12/UmOlharSociolo%CC%81gicoSobreaCriseCovid19emLivro.pages.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

CORTEZ, A. C. **Como a pobre Brejo Santo, no Ceará, construiu as melhores escolas públicas do Brasil**. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/10/politica/1470862656_476387.html. Acesso em: 13 out. 2021.

GARCIA, J. O. *et al.* Pandemia da covid-19 como fenômeno integral e central na educação em ciências. **Holos**, v. 1, P. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/download/11634/pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, A. L. Impressões sobre o ensinar e o aprender em tempos de pandemia de COVID 19. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v. 28, p. 1-20, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ER-v28a2021-14>. Acesso em: 1 nov. 2021.

KATAOKA, V.Y.; HERNANDEZ, H. Sequência de ensino 1: perfil de uma turma. In: CAZAROLA, I.; SANTANA, E. (orgs.) **Do tratamento da informação ao letramento estatístico**. Itabuna: Via Litteratum, 2010. p. 23-44.

LIMA, S. S. *et al.* Relações da comunidade acadêmica do IFMT com as mídias digitais em tempos de pandemia. **Revista Prática Docente**, v. 6, n 1, p. 1-21. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23926/RPD.2021.v6.n1.e005.id950>. Acesso em: 1 nov. 2021.

MIARKA, R; MALTEMPI, M. V. O que será da Educação Matemática depois da pandemia? **Bolema**, Rio Claro, v. 34, n. 67, p. 2-4. ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/nwSXDhVJKPSHxQYPxgfnJzg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2021.

MILIAUSKAS, C. R., FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, e 300402. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300402>. Acesso em: 1 nov. 2021.

NASCIMENTO, P. M. *et al.* Acesso domiciliar à internet e Ensino Remoto durante a pandemia. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Nota técnica nº 88, p. 7-16, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36561. Acesso em: 7 fev. 2022.

OLIVEIRA, M. Q. Docência na Educação Básica em tempos de pandemia: ações, estratégias pedagógicas e desafios enfrentados no ano letivo de 2020 da Escola Integral Professora Ana Cristina Rolim Machado. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 12, p. e47391211466. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.11466>. Acesso em: 15 out. 2021.

PEDROSA, G. F. S.; DIETZ, K. G. A prática de ensino de arte e Educação Física no contexto da pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 103-112, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3894895>. Acesso em: 12 out. 2021.

PENTEADO, R. Z.; COSTA, B. C. G. Trabalho docente com videoaulas em EaD: dificuldades de professores e desafios para a formação e profissão docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, n. 1, p. 1-21. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698236284>. Acesso em: 6 jan. 2022.

REICH, E.; BORGES, M. L.; XAVIER, R. C. (org). **Reflexões sobre uma pandemia**. Florianópolis: Néfiponline, 2020. Disponível em: <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/LIVRO.-Reflex%C3%B5es-sobre-uma-pandemia-2020.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SOUSA, J. G. J. *et al.* Afetividade na relação professor-aluno no Ensino Remoto emergencial: uma experiência de estágio. **Em Rede: Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 8, n. 1., 2021. Disponível em: <https://www.aunireded.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/734/630>. Acesso em: 28 ago. 2021.

VILLAÇA, A. A. **Aprendizagens em uma pesquisa de opinião na sala de aula**: diálogos entre práticas cotidianas. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQPP3S>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ⁱ Pelo fato de a análise temática se apoiar na frequência de temas, utilizaram-se também dados quantitativos, o que não descaracteriza a predominância da abordagem qualitativa nesta investigação, uma vez que esse tipo de pesquisa requer a interpretação dos contextos específicos em que o fenômeno investigado se desenvolve, considerando bem mais o processo que dados quantificáveis.

ⁱⁱ <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/brejo-santo.html>